

Estilhaços de Existências Silenciadas.

Experimento Cênico: **Pistoia**

Montagem: **Os Mequetrefes**

Adriana Gilzy Rêgo Azevedo¹

O fazer teatral frequentemente encontra nos espaços não convencionais o terreno fértil para alcançar seu ápice. É o que se observa na encenação do espetáculo **Pistoia**, realizado na Passagem Pedreirinha, no bairro do Guamá, um relevante território de resistência e agregação antiviolença por meio da arte popular, de suma importância para a cidade. E foi neste cenário tão emblemático que **Pistoia** se instalou, ressignificando uma garagem para transformar esse espaço de vivência urbana no universo complexo e sufocante das memórias do soldado Ulisses.

Ao adentrar o restrito espaço daquela garagem, o público é despido do cotidiano comum e conduzido a um mergulho total no universo íntimo e mental do protagonista. A cenografia minimalista, composta essencialmente por um beliche e poucos elementos cênicos, gera uma atmosfera ambígua que oscila entre a clausura asfixiante dos cenários de guerra e a grandeza subjetiva da memória do soldado. Essa compressão espacial atua como um gatilho cênico preciso: ao estreitar a distância entre o espectador e o ator, a direção transforma a aparente simplicidade técnica em uma complexa conexão e empatia.

A iluminação, operada de maneira crua através de uma única lanterna que varia de tonalidades para demarcar os deslocamentos geográficos e temporais dos relatos de Ulisses, costura-se de forma impecável à sonoplastia e à partitura corporal do ator. Nenhum elemento está ali em vão; cada componente visual e sonoro é uma escolha estética deliberada para materializar o desamparo e o horror das violências que Ulisses sofre.

Embora a narrativa de **Pistoia** se ambiente na Segunda Guerra Mundial, o espetáculo evoca fraturas geopolíticas intensamente contemporâneas. A montagem joga luz sobre as engrenagens do imperialismo, expondo a forma negligente como as grandes potências historicamente enxergam e descartam os corpos latinos, periféricos, nortistas e negros. A obra pontua com precisão o cenário político, utilizando a própria ambientação da época, como a presença do rádio, para reconstruir a atmosfera de controle e propaganda que impulsionou o alistamento desses sujeitos.

¹ Graduanda do Curso de Produção Cênica – UFPA; Atividade desenvolvida na disciplina “Conexões Teatro e Filosofia” ministrada pelo professor Edson Fernando;

É nessa encruzilhada política que a peça realiza seu salto dialético mais pungente, materializando-se na relação direta entre o ator e o público. Longe de ser um mero recurso interativo, a quebra da quarta parede e as provocações feitas aos espectadores dentro daquele espaço confinado funcionam como um grande dispositivo de partilha da dor. Ao convidar o público a interagir, a direção faz com que a plateia deixe de ser testemunha passiva e passe a carregar, coletivamente, o peso do trauma de Ulisses. Essa conexão estabelecida atinge uma dimensão sufocante, tornando impossível desviar os olhos: o espectador ri, chora, sente raiva e revolta junto com o protagonista. Essas interações viscerais guiam o público até um desfecho avassalador, operando como um arrancar de véus e rasgando o silenciamento histórico para dar visibilidade a corpos que a historiografia oficial tentou apagar. Através do corpo do ator que pulsa e sofre a poucos centímetros de distância, **Pistoia** resgata essa memória deliberadamente silenciada, fazendo com que o espectador vivencie na pele as contradições e os horrores de uma guerra que também é nossa.

Tamanha profundidade estética e política é fruto do rigor e do esforço de pesquisa do grupo **Os Mequetrefes**. O grupo demonstra que a periferia e a ancestralidade não são apenas temas, mas sim as próprias lentes pelas quais se reconstrói a história. **Pistoia** consolida-se, portanto, como uma montagem urgente e indispensável, provando que o teatro popular e politizado é capaz de transformar uma garagem em um quilombo de memória, afeto e insubmissão histórica.

Julho de 2026

